
1. A PARÁBOLA DA SOLITÁRIA

QUERIDO AMIGO,

Sua carta me emocionou, porque através dela me vi aos quatorze ou quinze anos na Lima cinzenta da ditadura do General Odría, inflamado pela ilusão de um dia me tornar escritor, mas deprimido por não saber que passos dar, por onde começar a cristalizar em obras essa vocação que me parecia um comando peremptório: escrever histórias que deslumbrassem seus leitores da forma como me haviam deslumbrado as dos escritores que eu começava a instalar em meu panteão particular: Faulkner, Hemingway, Malraux, Dos Passos, Camus, Sartre.

Muitas vezes me passou pela cabeça escrever para um deles (todos ainda estavam vivos) pedindo conselhos sobre como me tornar escritor. Nunca me atrevi a fazê-lo, por timidez ou, quem sabe, por causa daquele pessimismo inibidor – por que escrever, quando sei que ninguém vai se dig-

nar a responder? – que costuma frustrar a vocação de muitos jovens em países onde a literatura pouco significa para a maioria e sobrevive à margem da vida em sociedade como uma atividade quase clandestina.

Você não sofre dessa paralisia, visto que me escreveu. É um bom começo para a aventura que deseja empreender e da qual espera – tenho certeza, embora você não diga na carta – tantas maravilhas. Atrevo-me a sugerir que não espere tanto e não conte demais com isso, nem alimente demasiadas ilusões quanto ao sucesso. Não há razão, é claro, para que você não o alcance, mas se perseverar, escrever e publicar, logo vai descobrir que os prêmios, o reconhecimento público, a venda dos livros e o prestígio social de um escritor seguem um caminho *sui generis*, incrivelmente arbitrário, pois às vezes se esquivam teimosamente dos que mais os merecem e assediam e assoberbam os que menos lhes fazem jus. O que significa que quem vê no sucesso o estímulo fundamental de sua vocação provavelmente verá frustrado este sonho, confundindo a vocação literária com a ânsia de glória e benefícios financeiros com que a literatura brinda alguns escritores (muito poucos). São coisas distintas.

Talvez o atributo principal da vocação literária seja o fato de que quem a possui vivencia o exercício dessa vocação como a sua melhor recompensa, muito, muito superior

a qualquer coisa que pudesse obter como conseqüência de seus frutos. Esta é uma certeza que tenho entre as minhas muitas dúvidas quanto à vocação literária: o escritor sente intimamente que escrever é a melhor coisa que jamais lhe aconteceu, e pode acontecer, pois escrever significa para ele a melhor maneira possível de viver, independente dos resultados sociais, políticos ou financeiros que possa alcançar com o que escreve.

A vocação me parece o ponto de partida indispensável para falar do que anima e angustia você: como se tornar um escritor. Assunto misterioso esse, sem dúvida, envolto em incerteza e subjetividade. Isso, porém, não nos impede de tentar explicá-lo racionalmente, evitando a mitologia vaidosa, tingida de religiosidade e de arrogância com que o cercavam os românticos, fazendo do escritor o eleito dos deuses, um ser escolhido por uma força sobre-humana, transcendente, para escrever aquelas palavras divinas sob cujo efeito o espírito humano sublimaria a si mesmo, conquistando, graças a essa contaminação pela Beleza (com maiúscula, é claro), a imortalidade.

Hoje ninguém fala assim da vocação literária ou artística, mas embora a definição dos nossos tempos seja menos grandiosa, menos fundada no destino, ela ainda é bastante fugidia: uma predisposição de origem obscura que leva certos homens e mulheres a dedicar a vida a uma atividade

para a qual, um dia, se sentem chamados, quase obrigados, a exercer, por intuir que somente abraçando tal vocação – escrevendo histórias, por exemplo – se sentirão realizados, de bem consigo mesmos, dando o melhor de si, sem a dolorosa sensação de estar desperdiçando a vida.

Não acredito que os humanos nasçam com um destino programado desde o útero, por obra do acaso ou de uma divindade caprichosa que distribui entre esses novos seres aptidões, inaptidões, apetites ou inapetências. Mas também não acredito mais no que, em algum momento da minha juventude, sob a influência do voluntarismo dos existencialistas franceses – sobretudo Sartre –, cheguei a acreditar: que a vocação também é uma *escolha*, uma livre expressão da vontade individual que decide o futuro de alguém. Apesar de acreditar que a vocação literária não seja determinada pelo destino nem venha carimbada nos genes dos futuros escritores, e a despeito da minha convicção de que a disciplina e a perseverança possam em alguns casos produzir gênios, acabei me convencendo de que a vocação literária não se explica apenas como uma livre escolha. Esta, para mim, é indispensável, mas unicamente numa segunda fase, posterior a uma disposição subjetiva inicial, inata ou surgida na infância ou na primeira juventude, que a escolha racional virá a fortalecer, mas não a fabricar dos pés à cabeça.

Se não estou errado em minha suposição (claro que tenho mais chances de estar errado do que certo), um homem ou uma mulher desenvolve precocemente, na infância ou no começo da adolescência, uma *predisposição* para fantasiar pessoas, situações, casos, mundos diversos do mundo em que vive, e essa inclinação é o ponto de partida do que mais tarde poderá se chamar vocação literária. Naturalmente existe um abismo entre essa propensão para se afastar, nas asas da imaginação, do mundo real e da vida de verdade, e o exercício da literatura, abismo este que a maioria dos seres humanos não chega a cruzar. Os que o fazem e se tornam criadores de mundos por meio da palavra escrita – os escritores – são uma minoria, que, àquela predisposição ou tendência somaram essa expressão da vontade que Sartre chamava de *escolha*. Em dado momento, decidiram ser escritores. Elegeram-se como tal. Organizaram a vida para transportar para a palavra escrita essa vocação que antes se contentava em fantasiar, no território impalpável e secreto da mente, outras vidas e outros mundos. É nesse momento que você se encontra agora: a situação difícil e empolgante em que cabe decidir se, mais que se contentar em fantasiar uma realidade fictícia, irá materializá-la no papel. Caso decida fazê-lo, terá dado um passo importantíssimo, sem dúvida, ainda que ele ainda não garanta nada quanto a seu futuro de escritor. No entanto, empenhar-se em sê-lo, decidir

orientar a própria vida em função desse projeto, já é uma maneira – a única possível – de começar a realizá-lo.

Qual a origem dessa disposição precoce para inventar seres e histórias, que é o ponto de partida da vocação de escritor? Creio que a resposta é: rebeldia. Estou convencido de que quem se entrega à elucubração de vidas distintas daquela que vive na realidade demonstra dessa forma indireta sua rejeição e crítica à vida como ela é e ao mundo real, bem como seu desejo de substituí-los por outros, fabricados por sua imaginação e desejos. Por que dedicaria seu tempo a algo tão efêmero e quimérico – a criação de realidades fictícias – aquele que está intimamente satisfeito com a realidade real, com a vida que leva? Ora, quem se rebela contra esta última valendo-se do artifício de criar outra vida e outras pessoas pode estar motivado por inúmeras razões. Altruístas ou ignóbeis, generosas ou mesquinhas, complexas ou banais. A natureza desse questionamento essencial da realidade real que, em minha opinião, se encontra no âmago de toda vocação para escrever histórias, não importa a mínima. O importante é que essa rejeição seja radical o bastante para alimentar o entusiasmo por tal operação – tão quixotesca quanto investir, de espada em riste, contra moinhos de vento –, que consiste em substituir ilusoriamente o mundo concreto e objetivo da vida vivida pelo sutil e efêmero mundo da ficção.

Sem dúvida, embora quimérica, esta empreitada é realizada de uma forma subjetiva, figurada, não-histórica, e chega a gerar efeitos muito alentadores no mundo real, ou seja, na vida das pessoas de carne e osso.

Essa dúvida quanto à realidade, que é a secreta razão de ser da literatura – da vocação literária – exige que esta nos ofereça um testemunho único sobre uma determinada época. A vida que os romances descrevem – sobretudo os mais bem-sucedidos – nunca é a que *realmente* viveram os que as inventaram, escreveram, leram ou celebraram, mas a fictícia, a que tiveram que criar artificialmente porque não podiam vivê-la na realidade, razão pela qual se conformaram em vivê-la tão-somente da forma indireta e subjetiva como se vive essa outra vida: a dos sonhos e das ficções. A ficção é uma mentira que encobre uma verdade profunda: ela é a vida que não foi, a que os homens e mulheres de determinada época quiseram levar e não levaram, precisando, por isso, inventá-la. Ela não é o retrato da história, mas a sua contracapa ou reverso, o que não aconteceu e, precisamente por isso, precisou ser criado pela imaginação e pelas palavras para satisfazer as expectativas que a vida de verdade era incapaz de cumprir, para preencher o vazio que homens e mulheres descobriam à sua volta e tentavam povoar com os fantasmas que eles próprios fabricavam.